

CONSPIRADORES CATÓLICOS NEGROS EM CUBA (DO SÉCULO XVII AO XIX)*¹

Jane G. Landers  

Vanderbilt University

* Agradeço a David Wheat, Oscar Grandio Moráquez, Andrew McMichael, David LaFevor, Henry Lovejoy, Fernanda Bretones Lane, Enrique Rivera e aos demais participantes do projeto sua colaboração com minha pesquisa. Em Cuba meu especial agradecimento ao monsenhor Ramón Suárez Polcarí, chanceler da Arquidiocese de Havana e ao monsenhor José Félix Pérez Riera, diretor do Secretariado da Conferência dos Bispos de Cuba. Agradeço à equipe da Jean and Alexander Heard Library da Vanderbilt University pelo suporte institucional e pela dedicação pessoal de seus colaboradores, em particular, Paula Covington. Por fim agradeço a Gad Heuman por sua disponibilidade como editor da revista *Slavery & Abolition*, onde uma primeira versão deste texto foi publicada.

1 Nota da Tradutora: Jane G. Landers é professora de história das Américas e Caribe na Universidade de Vanderbilt, nos Estados Unidos. É diretora do projeto *Slave Societies Digital Archive* () e membro do Comitê Científico Internacional do projeto *Routes of Enslaved Peoples* da Unesco. Em 1999, sua pesquisa sobre a escravidão espanhola no século XVII deu origem ao livro *Black Society in Spanish Florida*, um marco da nova historiografia da escravidão nos Estados Unidos. No livro, a autora revela todo um universo em torno de um grupo de pessoas escravizadas egressas das *plantations* dos colonos ingleses que, pela lei de Castela, puderam se estabelecer como pessoas livres em San Agostin, então um “santuário” da Florida espanhola (hoje St. Augustine, Flórida, EUA). Landers ampliou seu olhar para o Caribe e em 2011 publicou *Atlantic Creoles*, livro no qual mostra a participação de homens pretos, muitos deles africanos, em corporações militares conhecidas como milícias, que lutaram em vários conflitos coloniais em todo o Golfo do México. O estabelecimento desses milicianos em Cuba deu origem a comunidades locais negras em diferentes pontos da ilha, formadas por africanos e seus descendentes que eram fluentes em várias línguas e que transitavam por diferentes universos culturais (África, Europa e Américas). O modo como esses crioulos atlânticos se estabeleceram em Cuba tem sido o foco da pesquisa recente da historiadora.

O presente artigo explora a atuação de membros dessas antigas milícias pretas em ações contra a escravidão em Cuba, entre os séculos XVII e XIX. Mostra ainda sua concomitante participação em congregações religiosas (devoções católicas e *cabildos*) que serviram de abrigo e respaldo institucional para os revoltosos. A novidade do texto em relação à historiografia brasileira é o sucesso da pesquisadora em cruzar uma grande diversidade de fontes (criminais, cartoriais e eclesiásticas); desenhar essa rede política e religiosa; e mostrar como os agentes coloniais se beneficiaram dessas relações densas entre os chamados *conspiradores* para levar à prisão as principais lideranças do movimento antiescravista de Cuba. Sob o título “Catholic Conspirators? Religious Rebels in Nineteenth-Century Cuba”, uma primeira versão deste texto foi publicada em *Slavery & Abolition*, v. 36, n. 3, 2015. pp. 495-520, .

Nas pesquisas históricas sobre conspirações para enfrentar o controle colonial espanhol e o sistema de escravidão implantado em Cuba, predomina a documentação criminal e judicial dos tribunais militares, disponível no Arquivo Nacional da Espanha e nos arquivos nacional e provinciais de Cuba. Minha pesquisa se concentra na documentação eclesiástica cubana, até recentemente pouco explorada, particularmente pelas pesquisas sobre o século XIX, o mais estudado.² O presente artigo ilustra a importância das fontes eclesiásticas para a história dos africanos, da escravidão, da resistência e dos movimentos abolicionistas em Cuba, entre os séculos XVII e XIX.

É notório o cruzamento entre as redes constituídas por frequentadores de *cofradías* católicas (confrarias, devoções) e membros das *milicias* (grosso modo, equivalentes aos regimentos de homens pretos do Brasil colonial) que atuaram em Cuba durante todo o período da dominação espanhola. Integrantes pretos e pardos dessas redes eram também frequentadores dos *cabildos* (grosso modo, definidos como associações religiosas afro-cubanas) de Havana e Matanzas. Entender esses cruzamentos permite melhor descrever a vida de algumas figuras-chaves da história cubana,

-
- 2 No século XIX, os dois principais movimentos de contestação foram a rebelião de Aponte (Havana, 1812) e a infame perseguição conhecida como La Escalera (Matanzas, 1844). Sobre o tema, ver extensa bibliografia, boa parte dela em língua inglesa: Matt D. Childs, *The 1812 Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle Against Atlantic Slavery*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006; José Luciano Franco, *La conspiración de Aponte*, Havana: Consejo Superior de Cultura, Publicaciones del Archivo Nacional, 1963; Robert L. Paquette, *Sugar is Made with Blood: The Conspiracy of La Escalera and the Conflict between Empires over Slavery in Cuba*, Middleton: Wesleyan University Press, 1988; Michele Reid-Vazquez, *The Year of the Lash: Free People of Color and the Nineteenth-Century Atlantic World*, Athens: University of Georgia Press, 2011; Aisha K. Finch, *Rethinking Slave Rebellion in Cuba: La Escalera and the Insurgencies of 1841–1844*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015; Manuel Barcia, *The Great African Slave Revolt of 1825*, Baton Rouge: Louisiana State University, 2012; Manuel Barcia, *Seeds of Insurrection: Domination and Resistance on Western Cuban Plantations, 1808–1848*, Baton Rouge: Louisiana State University, 2008; Philip A. Howard, *Changing History: Afro-Cuban Cabildos and Societies of Color in the Nineteenth Century*, Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1998; María Dolores Gonzalez-Ripoll et al. (eds.), *El rumor de Haití en Cuba: temor, raza y rebeldía, 1789–1844*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2004; Gloria García Rodríguez, *Conspiraciones y revueltas: la actividad política de los negros en Cuba (1790–1845)*, Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2003.

em particular das lideranças de organizações da população de cor e das revoltas por elas empreendidas.

Em Cuba, a prática do catolicismo e os registros dela decorrentes levaram à produção de um enorme volume de informações registradas nos livros paroquiais e outros documentos eclesiásticos. Parte dessa documentação está hoje disponível *online* através do projeto *Slave Societies Digital Archive* (SSDA), criado sob minha direção, em 2005.³ O fato de esses registros serem públicos e as pessoas conhecidas, com nomes e outros dados registrados, facilitou a identificação de supostos “conspiradores”, como eram chamados, pela administração colonial, os africanos e seus descendentes envolvidos nos movimentos anticoloniais e antiescravistas. Este artigo mostra como essas pessoas foram identificadas, perseguidas e punidas em diferentes ocasiões, sob a acusação de contestação da ordem; e como confrarias, milícias e *cabildos* passaram a ser perseguidos como espaços de abrigo dessas conspirações.

O catolicismo negro em Cuba

A conversão de africanos já era uma prática usual na Península Ibérica pelo menos desde o século XIII. Parcialmente por medo de que pudessem introduzir o Islã e crenças gentias africanas nas Américas, a Igreja Católica instituiu, desde o século XV, a obrigação do batismo para os africanos

3 Em 2005, o então projeto Ecclesiastical Sources for Slave Societies (ESSS) recebeu recursos do National Endowment for the Humanities e da Vanderbilt University, tendo sido implementado em parceria com Paul E. Lovejoy (York University, Canadá) e Mariza de Carvalho Soares (Universidade Federal Fluminense, Brasil). Posteriormente, recebeu outros financiamentos, tendo ampliado seu acervo até o presente. Com sua ampliação, foi chamado Ecclesiastical and Secular Sources for Slave Societies (ESSSS) e depois Slave Societies Digital Archive (SSDA). Atualmente reúne um acervo digital de fontes manuscritas que inclui documentos de Cuba (Havana, Matanzas, Guanabacoa, Regla e Ceiba Mocha); Brasil (Rio de Janeiro e Paraíba); Colômbia (Quibdó, Riohacha e Córdoba); e Estados Unidos (San Agustín, antiga Flórida espanhola). Disponível online em: [🔗](#). Cortesia da Jean and Alexander Heard Library, Vanderbilt University. Acesso em 20 ago. 2024.

escravizados.⁴ Ao longo de toda a vigência da escravidão nas Américas, a Igreja Católica atraiu africanos escravizados e seus descendentes, levando-os à conversão e ao recebimento dos sacramentos. Embora o empenho pela catequese dos africanos e seus descendentes pareça pequeno em relação à atenção dedicada aos indígenas, dominicanos e jesuítas concentraram sua ação nos miseráveis e depois nos africanos que começaram a desembarcar em maior número nos portos das colônias espanholas, no século XVII. O famoso jesuíta Alonso de Sandoval passou boa parte de sua vida, de 1606 a 1656, trabalhando pela conversão dos africanos chegados a Cartagena. Com base nessa experiência, escreveu um importante tratado sobre a conversão dos africanos e os métodos para obter sucesso nessa empreitada.⁵ A inserção dos africanos na Igreja abriu espaço para que, principalmente através das devoções aos santos, eles se reunissem e se organizassem, com diferentes fins.

Registros de batismo, casamento e óbito são fontes valiosas para o estudo da população africana e escravizada como um todo. Uma vez batizados, os africanos e seus descendentes se tornavam aptos a receber os demais sacramentos, em particular o casamento e a extrema unção, hoje unção dos enfermos.⁶ Além dos nomes dos batizando, noivos e falecidos, os assentos paroquiais registram vários outros nomes, como pais, padrinhos, viúvos, herdeiros, além de local de nascimento e moradia; e, no caso dos escravizados, os nomes de seus senhores. Testamentos de africanos, escravos ou libertos, e de homens de cor em geral, oferecem

4 José Luis Sáez (monsenhor), *La iglesia y el negro esclavo en Santo Domingo: una historia de tres siglos*, São Domingos, República Dominicana: Patronato de la Ciudad Colonial de Santo Domingo, 1994. Os mais antigos registros de batismo de “pardos e morenos” (pardos e pretos) da Sagrada Catedral de San Cristóbal, em Havana, foram transcritos pelo historiador David Wheat. Sua transcrição está aberta para consulta no site do SSDA: Libro de Barajas: Bautismos, 1590-1600. Disponível online em: [\[link\]](#). Acesso em 09 set. 2024.

5 Sandoval foi canonizado e ficou conhecido como o “apóstolo dos escravos”. Alonso de Sandoval, *Un tratado sobre la esclavitud* (1627), Madrid: Alianza, 1987, pp. 363-503.

6 Mariza de Carvalho Soares. “Heathens Among the Flock: Converting African-Born Slaves in Eighteenth Century Rio de Janeiro”. *Slavery & Abolition*. v. 36, n. 3 (2015), pp. 478-494, .

detalhes sobre patrimônio, devoções e as chamadas “últimas vontades”, sem falar nas pistas para a reconstituição das redes sociais. Além desses livros, a participação dos fiéis na Igreja gerava outros registros: livros de entrada em irmandades, petições diversas, processos eclesiásticos de várias ordens, etc. Entre as informações mais relevantes estão os registros que indicam as chamadas *castas* (castas) e *naciones* (nações).⁷ O entendimento das nações como marcadores étnicos e geográficos permite traçar a história de indivíduos e grupos, comparar populações de áreas e épocas distintas e proceder ao cruzamento de dados entre colônias espanholas e portuguesas, e mesmo francesas.⁸

Apesar da padronização dos registros eclesiásticos católicos, os pesquisadores associados ao SSDA têm identificado variações. Os testamentos do Brasil, geralmente anexados aos assentos de óbito, oferecem

7 Grosso modo, as castas se referem a uma estratificação das raças (branca, preta, judia, cigana) e as nações à procedência dos africanos (angola, carabali, congo, etc.). Entre os historiadores cubanos que trabalham com documentação eclesiástica para o estudo da escravidão, destacam-se Maria Carmen Barcia e Alejandro de la Fuente, citados ao longo do artigo. Em todos esses trabalhos essas classificações têm destacada importância.

8 A historiografia brasileira, ao contrário da cubana, tem hoje um grande investimento na pesquisa em fontes eclesiásticas para o estudo da escravidão, assim como no desenvolvimento de metodologias específicas para lidar com tais fontes. Merece destaque Julita Scarano, pioneira no estudo das irmandades, autora de *Devoção e escravidão*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978; e Mariza de Carvalho Soares, *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000 (em inglês: *People of Faith. Slavery and African Catholics in Eighteenth-Century Rio de Janeiro*, Durham & London: Duke University Press, 2011). De 2000 para cá, vários historiadores brasileiros têm explorado a documentação eclesiástica nos estudos sobre escravidão e temas afins, especialmente as irmandades. Alguns deles aparecem citados ao longo do texto. Entre essas obras, destacam-se: Anderson José Machado de Oliveira, *Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial*, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008; Lucilene Reginaldo, *Os rosários dos angolas – irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista*, São Paulo: Alameda, 2011; Moacir Maia, *De reino traficante a povo traficado. A diáspora dos courás do golfo do Benim para Minas Gerais (América portuguesa, 1715-1760)*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022; Aldair Rodrigues e Moacir Maia (orgs.), *Sacerdotisas voduns e rainhas do Rosário. Mulheres africanas e Inquisição em Minas Gerais (século XVIII)*, São Paulo: Chão, 2023; Andressa Antunes, Francisco Eduardo de Andrade, Vanessa Cerqueira Teixeira (orgs.) *Irmãos das Minas. Confrarias religiosas e sociabilidade em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX*, Jundiá, São Paulo: Paco Editorial, 2024.

informações importantes quanto à ocupação, à propriedade dos africanos e seus descendentes, fossem eles livres ou escravos, assim como muitas informações sobre suas devoções.⁹ Isso não acontece em Cuba; por outro lado, tanto em Cuba quanto na Flórida espanhola, é possível ver que pais brancos legitimavam com mais frequência seus filhos mestiços, possivelmente para protegê-los e ao seu patrimônio, em caso de turbulência política.¹⁰

Os arquivos diocesanos de Cuba guardam também os chamados *expedientes de matrimonio* (habilitação matrimonial no Brasil) que incluem os proclamas (no Brasil também chamados banhos). Todos os pretendentes a casamento na Igreja tinham – e têm ainda hoje – de cumprir a exigência de comprovação de batismo e inexistência de casamento anterior, além de fornecer outras informações, segundo cada caso. Os escravizados tinham que apresentar carta de alforria, ou autorização do senhor. Essa documentação oferece preciosas informações sobre a vida dos noivos, informando geralmente sobre seus pais, local de nascimento, ocupação, local de batismo, residência, nações e castas.

Outro conjunto valioso para o estudo da escravidão é a documentação relativa às confrarias. Seguindo o precedente das confrarias espanholas (que, grosso modo, correspondem às irmandades portuguesas), as confrarias cubanas de pessoas de cor se organizavam em torno de grupos associados a nações e castas. Promoviam a coesão social, reforçando laços ancestrais, praticando caridade e outros serviços para seus membros, sob a liderança do próprio grupo. Assim como em tempos mais remotos na Península Ibérica, atendiam ao desejo de seus membros de se integrar à comunidade cristã.¹¹

9 Roberto Guedes; Claudia Rodrigues; Marcelo Rocha Wanderley (Orgs.). *Últimas vontades: testamento, sociedade e cultura na América Ibérica (séculos XVII e XVIII)*, Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2015.

10 Jane Landers, *Black Society in Spanish Florida*, Urbana: University of Illinois Press, 1990; Karen Y. Morrison, “Creating an Alternative Kinship: Slavery, Freedom, and Nineteenth Century Afro-Cuban ‘Hijos Naturales’”, *Journal of Social History*, 41, n. 1 (2007), pp. 55-80, .

11 Já existem pesquisas sobre as primeiras irmandades católicas de pretos em Santo Domingo, Lima, Cidade do México, Rio de Janeiro e Havana, algumas delas datando do século XVI. Jane Landers, “African ‘Nations’ as Diasporic Institution-Building in the Iberian Atlantic” in Franklin W. Knight & Ruth Iyob (Eds.), *Dimensions of African and*

Cofradias e cabildos de nación

Entre as primeiras confrarias de pessoas de cor das Américas está a confraria de San Juan Bautista (São João Batista) que, ainda no século XVI, recebeu aprovação do Papa para se instalar na Catedral de Santo Domingo (São Domingos), na Isla Española (Ilha Espanhola, ou de São Domingos). Essa confraria era integrada por *morenos criollos* (pretos nascidos nas Américas, geralmente livres). A confraria celebrava regularmente o calendário religioso e dava assistência a seus membros em caso de doença e outras necessidades. Em São Domingos, existiam ainda outras seis confrarias de homens de cor: duas na catedral, uma na igreja dos franciscanos, uma na igreja dos dominicanos e outra na dos mercedários. Uma sexta, chamada La Pura y Límpia Concepción de Nuestra Señora (A Pura e Limpa Conceção de Nossa Senhora) foi instalada no Hospital São Nicolau de Bari. Em 1602, o africano Antónío López Biafara (identificado como vindo da Alta Guiné) fundou uma confraria instalada na catedral de Havana, cujo orago era Nossa Senhora da Candelária. Por volta de 1613, essa devoção já reunia trezentos membros entre africanos, seus descendentes e moradores da cidade.¹² Uma informação enviada a Filipe III, rei da Espanha, dava conta de que tais confrarias praticavam a caridade,

Other Diasporas (Kingston: University of the West Indies Press, 2014), pp. 105-124; Maria Carmen Barcia, *Los ilustres apellidos: negros en la Habana colonial*, Habana: Ediciones Boloña, 2008; Rafael Lopez Valdes, *Africanos de Cuba*, San Juan: Centro de Estudios Avanzados de Puerto Rico y del Caribe, 2002; Karen Graubart, “‘So color de una cofradia’: Catholic Confraternities and the Development of Afro-Peruvian Ethnicities in Early Colonial Peru”, *Slavery & Abolition*, v. 33, n. 1 (2012), pp. 43-64, ; Jean-Paul Tardieu, *Los negros y la iglesia en el Peru, Siglos XVI-XVII*, Quito: Centro Cultural Afroecuatoriano, 1997; Nicole Von Germeten, *Black Blood Brothers: Confraternities and Social Mobility for Afro-Mexicans*, Gainesville: University Press of Florida, 2006; Mariza de Carvalho Soares, *People of Faith: Slavery and African Catholics in Eighteenth-Century Rio de Janeiro*, Durham, NC: Duke University Press, 2011. Para um estudo das irmandades na Espanha, ver: Isidoro Moreno, *La antigua hermandad de los negros de Sevilla*, Sevilla: Universidad de Sevilla, 1997.

- 12 Essa confraria foi confirmada pelo papa em 1602. Carlos Larrazábal Blanco, *Los negros y la esclavitud en Santo Domingo*, Santo Domingo: República Dominicana, 1998. pp. 134-136. A maior parte das confrarias cubanas tinha apenas autorização de funcionamento pelo bispado de Havana.

mantinham suas capelas bem adornadas e que sua composição multiétnica não trazia qualquer problema.¹³

A primeira confraria organizada por homens brancos em Havana foi a do Santíssimo Sacramento, Soledad e Veracruz, identificada nos arquivos notariais desde a década de 1580. Não há para essa época referência a confrarias de africanos e seus descendentes. Alejandro de la Fuente informa que só a partir de 1600 os *morenos* e *pardos* (pretos e pardos) de Havana passaram a se reunir em confrarias católicas próprias, como a de Nossa Senhora dos Remédios e Espírito Santo, que mantinha seus altares decorados na igreja principal da cidade.¹⁴ Nas décadas seguintes, a filiação à confraria do Espírito Santo cresceu e, em 1638, os irmãos construíram uma ermida nas vizinhanças do bairro de Campeche, em Havana. Por volta de 1648, seu entorno estava tão povoado que a ermida foi elevada a paróquia auxiliar; e, em 1660, por ordem régia, a segunda paróquia de Cuba.¹⁵ Em 1680, o Sínodo Diocesano reconheceu oficialmente essa confraria que ficou chamada do Espírito Santo das Almas do Purgatório.¹⁶ Durante sua visita pastoral de 1687, monsenhor Francisco Felix y Solana examinou os livros de batismo de pretos e pardos dessa igreja. Em 1706, com a nomeação do bispo Jenônimo Valdez, a igreja do Espírito Santo passou por uma revitalização. Do começo humilde sustentado pela piedade de uma confraria de pretos, a pequena ermida se transformou na mais importante igreja de Havana.¹⁷

O bispo Valdez foi responsável por muitas iniciativas de caridade em favor dos pretos e pardos de Havana, dentre elas a fundação de um

13 Alejandro de la Fuente, *Havana and the Atlantic in the Sixteenth Century (Envisioning Cuba)*, Chapel Hill: University of North Carolina Press. 2011, pp. 168-169, 252.

14 Ramón Suárez Polcarí, *Historia de la Iglesia Católica en Cuba*, Miami: Ediciones Universal, 2003. p. 130. 2 vols.

15 Polcarí, *Historia de la Iglesia Católica en Cuba*.

16 Slave Societies Digital Archives (SSDA), Nashville, Vanderbilt University. M. Cuadrado, “O bispado de la Habana: su historia através de los siglos”, Libro 1, parte 1, De las parroquias. Havana: Archivo del Arzobispado de la Habana (AAH) [n.d.], Legajo 12, pp. 252-253; Manuel Fernandez Santalices, *Las antiguas iglesias de La Habana: tiempo, vida y semblante*, Miami: Ediciones Universal, 1997.

17 Os pesquisadores do SSDA não encontraram nenhum registro dessa confraria na documentação consultada.

orfanato, em 1711. A Real Casa Cuna del Señor San José ficou conhecida como Casa Cuna ou “casa de los niños expósitos” (casa dos meninos expostos).¹⁸ O patrono da Casa Cuna era São José, o santo carpinteiro, uma ocupação comum entre os homens livres de cor, em várias partes das Américas.¹⁹ O bispo faleceu em 1729 e entre suas últimas vontades estava ser enterrado na igreja do Espírito Santo.²⁰

No final do século XVI foi construída a capela de Nossa Senhora da Boa Viagem, para devoção de africanos e outras pessoas de cor. Era comum que marinheiros e viajantes pedissem proteção à Virgem antes do embarque e, na volta, agradecessem por seu retorno a Havana. Em 1640, o conselho da cidade elevou a capela da Boa Viagem a igreja e ela passou a ser o ponto de chegada da procissão da Via Crucis, realizada na Sexta-Feira Santa.²¹ Os assentos de casamento e óbito de homens pretos dessa igreja datam de 1692; os de batismo, de 1702. Keith Manuel usou esses livros para analisar 444 assentos de casamentos. O grupo mais numeroso era composto por africanos de nação carabali (no Brasil, nação calabar). Outras nações encontradas foram: congo, lucumí (no Brasil, nagô-yoruba), mandinga, gangá, mina, macuba, mondongo, briche, arará, bricama, sape e mozambique. Os paroquianos nascidos em Havana e outras localidades da ilha eram registrados como *criollos*. Entre eles estavam paroquianos de Cartagena de Índias, Jamaica, Curaçau, Puerto del Príncipe, Guarico (nome espanhol de Le Cap, no Haiti) e San Juan (Espanhola), Martinica, Laguna (de Tenerife, nas Canárias), Campeche (México), Mobile (Alabama), Portugal e Badajoz (Espanha).²²

18 Como essas crianças não tinha sobrenome, lhes era dado o sobrenome do bispo, motivo pelo qual passaram a existir muitos Valdez em Cuba. Em 1718 o bispo Valdez criou a Casa de los Convalescientes de Belén; e, em 1722, o Hospital de San Lázaro, para tratamento de leprosos. Ver: [?]. Acesso em 09 set. 2024.

19 Cesar Garcia del Pino (Ed.), *La visita eclesiástica de Morrell de Santa Cruz*, La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985, p. 19.

20 Pino, *La visita eclesiástica de Morrell de Santa Cruz*, p. 19. Sua sepultura tem a imagem do bispo esculpida em mármore.

21 SSDA/AAH, Cuadrado, O bispado de la Habana; Iglesia del Santo Cristo del Buen Viaje, [?]. Acesso em 01 abr. 2015.

22 A pesquisa foi feita a partir das cópias digitalizadas dos manuscritos disponíveis no site do SSDA e dos metadados correspondentes. Keith Manuel, “‘To Serve Almighty God and His Majesty’. Havana’s Free Black Militia and the Confradía del Espiritu

Em 1736, paroquianos pretos da Boa Viagem criaram a confraria de Santa Efigênia, santa preta carmelita, princesa da Núbia.²³ A documentação dessa confraria, assim como a do Espírito Santo, está em muito mau estado. Apesar da dificuldade, foi possível identificar que entre seus membros havia vários oficiais do *Batallón de Morenos Leales* (Batalhão de Pretos Leais), um indicativo do cruzamento entre as inserções religiosa e militar na Cuba colonial.²⁴ Apesar do sucesso inicial dessas confrarias, em decorrência das mudanças na política colonial espanhola, em meados do século XVIII, elas perderam sua autonomia e prestígio, chegando ao abandono.²⁵ Concomitantemente, a aceleração do tráfico atlântico e o aumento da população africana em Cuba mudaram a relação entre a população escravizada e a Igreja Católica.

Em 1750 chegou a Cuba o bispo dominicano Pedro Agustín Morrel de Santa Cruz.²⁶ O novo bispo assumiu uma campanha para restaurar as igrejas dos pretos, voltando a encorajar suas devoções.²⁷ O bispo relatou com consternação que o arquivo eclesiástico da Igreja de Boa Viagem fora

Santo, 1763-1808”, Comunicação apresentada na Suthern Historical Society/Estados Unidos, 28 out. 2011.

- 23 Santa Efigênia foi também cultuada no Brasil no século XVIII. Para o Rio de Janeiro: Oliveira, *Devoção negra*, pp. 99-117; Soares, *People of Faith*, pp. 21, 174, 151-153.
- 24 Para a documentação da confraria de Santa Ifigênia ver SSDA. Buen Viaje, 1736, AAH, Archicofradías, Cofradías, y Asociaciones, Leg. 1, Exp. 18, María Carmen del Barcia também menciona essa confraria e lista seus dirigentes como capitão Joseph Nicolas Guerra, Gregório Guerra, Lorenzo Martines e Alejandro Vasquez, tenente Julián Guerra e sargento Nicolás de Dios. Ver: Barcia, *Ilustres apellidos*, appendix. Em 1864, o preto livre Manuel Casanovas fez uma petição para restabelecer a confraria que estava a longo tempo abandonada. Ver:  . Acesso em 12 ago. 2024.
- 25 Kenneth Kiple, *Blacks in Colonial Cuba, 1774-1899*, Gainesville: University of Florida Press, 1976, pp. 36-58. Entre 1763 e 1792 os plantadores de Cuba importaram mais de setenta mil africanos para a economia açucareira e as importações só cresceram. David Eltis estima que cerca de 325.000 africanos chegaram a Cuba entre 1790 e 1820, setenta por cento deles eram homens. David Eltis, *The Rise of African Slavery in the Americas*, Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- 26 Nos anos de 1730 o religioso se celebizou por advogar a causa dos mineiros pobres das minas de El Cobre. María Elena Díaz, *The Virgin, the King and the Royal Slaves of El Cobre: Negotiating Freedom in Colonial Cuba 1670–1780*, Stanford: Stanford University Press, 2000, pp. 300-307; José  Luciano Franco, *Las minas de Santiago del Prado y la rebellion de los cobreros, 1530-1800*, La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975
- 27 Franco, *Las minas de Santiago del Prado*.

fechado depois da morte do bispo Valdez, em 1729, e que os documentos estavam danificados por infestação de mariposas. Depois de fazer uma lista dos poucos documentos que permaneciam em bom estado, mandou queimar os demais.²⁸ Morrell de Santa Cruz reformou a Igreja de Boa Viagem e ampliou a do Espírito Santo. Por volta de 1760, a Igreja do Espírito Santo acolhia cerca de 1.100 “almas”. Todas as noites, em exposição pública, a imagem do Espírito Santo da confraria dos homens pretos do Rosário desta igreja saía em procissão pelas ruas da cidade.²⁹ O bispo fez uma extensa visitação eclesiástica pela ilha, da qual resultou um detalhado relatório onde consta que encontrou em Havana 21 *cabildos de nación* (cabildos de nação) que descreveu como “casas que serviam ao demônio”.³⁰

Os cabildos de nação eram congregações informais de africanos, não sancionadas pela Igreja Católica ou pelas autoridades espanholas.³¹ Tinham esse nome em referência aos cabildos da administração colonial, mas deles faziam parte apenas africanos, segundo suas nações.³² Esses antigos cabildos se reuniam aos domingos e dias santos, quando seus membros eram liberados do trabalho para celebrar os santos com músicas e danças. Nessas ocasiões, realizavam banquetes, alvoradas e elegiam reis, rainhas e cortes de suas nações.³³

28 Do bispo Pedro Agustín (Morrell de Santa Cruz) para o capitão general, 06 dez. 1755. Archivo General de Índias (AGI) Santo Domingo (SD), Leg. 515, Exp. 51; Morrell de Santa Cruz, “La visita eclesiástica”, fls. 28-29.

29 SSDA, Cuadrado, Obispado de la Habana, fls. 252-253.

30 O termo *nación* corresponde ao termo “nação”, usado no Brasil. Os cabildos de nação correspondem grosso modo às congregações organizadas por nação no Brasil. No Brasil ver: Soares, *People of Faith* (cap. 3); Silvia Brügger e Anderson de Oliveira, “Os benguelas de São João del Rei: tráfico atlântico, religiosidade e identidades étnicas (séculos XVIII e XIX)”, *Tempo*, v. 13, n. 26 (2009), pp. 177-204, .

31 SSDA, Morrell de Santa Cruz, Visita eclesiástica; Childs, *The 1812 Aponte Rebellion*, pp. 101-102.

32 O uso do termo *cabildo* mostra uma reutilização da antiga instituição, os cabildos ibéricos. Na América espanhola, desde o século XVI os cabildos eram instituições locais da administração colonial. Os membros do *cabildo* eram escolhidos entre os principais habitantes da localidade. Devido à progressiva centralização do império espanhol, ao longo do tempo os cabildos perderam poder, mas continuaram sendo espaço de representação das oligarquias *criollas*. O termo *cabildo* foi retomado para designar as organizações da população negra, os chamadas “cabildos de nação”.

33 Fernando Ortiz, *Los cabildos y la fiesta afrocubana del Día de Reyes*, Havana: Editorial de Ciencias Sociales. 1992; Polcari, *Historia de la iglesia*, pp. 134-136; Marina de

Em 1535, em Santiago de Cuba, foi registrada uma queixa de que o rei Congo estava ameaçando a paz da vizinhança com seus tambores; e em 1568, um morador de Havana deu queixa de que homens e mulheres pretos da cidade se autoproclamavam reis e rainhas, promoviam reuniões e banquetes, provocando escândalos. A tais reclamações se somavam rumores de revoltas. Um levante do cabildo dos angolas na capital do México levou à execução de trinta homens e cinco mulheres. Essas denúncias levaram à proibição das confrarias e suas festas e à criação de uma patrulha para fazer cumprir as ordens da administração colonial local mexicana.³⁴ Em Cuba, os cabildos de nação continuaram a se organizar e fazer suas festas, como faziam desde o início dos tempos.

Em 1681, o governador de Cuba, Fernández de Córdoba, emitiu uma ordem proibindo os cabildos de nação de se reunirem em suas *casas*, exigindo que todas as danças acontecessem em locais abertos, para que pudessem ser observadas.³⁵ A documentação sobre tais *casas* é fragmentada, mas em 1691, Magino Arara, vindo do Daomé (atual Benim) era regularmente encontrado em uma dessas *casas*, situada na rua Compostela, onde morava María de la Luz Caballero, africana identificada como arará. A casa pertencia ao sargento Juan Nepomuceno de Prieto, da milícia de pretos.³⁶

Mello e Souza, *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação do rei Congo*, Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.

34 Biblioteca Nacional de Madrid, (BNM), “Relación del alzamiento que negros y mulatos, libres y cautivos de la ciudad de Méjico de la Nueva España pretendieron hacer contra los españoles por cuaresma del año 1612 y del castigo que se hizo de las cabezas y culpados”, MS 2,010, fls. 236-241, n. 168. Citado em: Jane G. Landers, “Cimarrón and Citizen: African Ethnicity and Corporate Identity and the Evolution of Free Black Towns in the Spanish Circum-Caribbean” in Jane G. Landers & Barry M. Robinson (eds.), *Slaves, Subjects and Subversives: Blacks in Colonial Latin America* (Albuquerque: University of New Mexico Press, 2006), p. 141.

35 Levi Marrero, *Cuba, economía e sociedade*, Rio Piedras: Editorial San Juan, 1972, tomo I, p. 84; e *Actas capitulares del Ayuntamiento de La Habana, 1566-1574 apud* Barcia, *Los Ilustres apellidos*, pp. 58-59.

36 Pedro Deschamps Chapeaux, *Los batallones de pardos y morenos libres*, Havana: Editorial Arte y Literatura, 1976, p. 40. Para o aprofundamento da discussão sobre as propriedades dos cabildos e sua administração ver: Philip A. Howard, *Changing History: Afro-Cuban Cabildos and Societies of Color in the Nineteenth Century*, Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1998 (caps. 2 e 3). Esse era um costume que verifiquei ainda existir em 1819 no cabildo lucumi. Landers, *Atlantic Creoles*,

Por volta de 1714, Apapa Carabali possuía uma casa na rua Egido (Havana) frequentada por devotos do Espírito Santo que ali se reuniam.³⁷ O bispo Morrell de Santa Cruz, outras autoridades e parte da população de Cuba, lamentavam as bebedeiras que aconteciam por ocasião das festas e das danças dos africanos. Tidas por alguns como “provocativas”, eram também aceitas como “costume de suas terras”. Ao contrário dos defensores da repressão violenta, o bispo propunha que fosse aplicada a seus membros uma persuasão “gentil” de modo a ajudar os africanos a verem, por eles mesmos, as “abominações” que cometiam. O bispo erguia a imagem da Virgem e rezava o rosário com seus fiéis pela salvação daqueles que tinham vivido e morrido como “bestas”. Como medida prática, recomendava transformar os cabildos (que estavam fora da jurisdição da Igreja) em capelas, ou seja, templos de Deus. Com isso, a Igreja passaria a ter autoridade sobre eles, podendo atuar mais diretamente para evitar as temidas “abominações”.³⁸

Os esforços proselitistas do bispo Morrell de Santa Cruz foram interrompidos pela inesperada tomada de Havana pelas tropas inglesas, em 1762. A presença do bispo se tornou um problema para os ingleses que terminaram por exilá-lo em San Agustín (Flórida espanhola). Ali, o prelado reformista encontrou novos desafios e oportunidades para ganhar novas almas, vindo a se tornar patrono dos africanos escravizados que fugiam da Carolina (colônia inglesa) para a “cidade preta” de Gracia Real de Santa Teresa de Mose onde, depois de acolhidos, eram instados a se converter ao catolicismo.³⁹ O bispo passou também a dar assistência aos membros da

pp. 170-172. Henry B. Lovejoy. *Prieto. Yorùbá Kinship in Colonial Cuba during the Age of Revolutions*, Chapel Hill: University of North Carolina, 2019.

37 Archivo Nacional de Cuba (ANC), Leg. 687, Exp. 1. Pedro Deschamps-Chapeaux identificou os seguintes subgrupos carabali em Havana: abalo, acocua, apapa, agro, bogre, brícamo, ecunaso, elugo, ibi, ibo, induri, isicuato, isique, isuama, isuama apapa, isuama bogre abate singlaba, isuama aballa ocuite, isuama ibi isuama isiegue, isueche, isuama oquella, oru, oroso, ososo omuna, ugri, los battallones.

38 AGI. Do bispo Pedro Agustin Morrell de Santa Cruz para Sua Majestade, Havana, 06.12.1753, SD, Leg. 515, Exp. 51.

39 Landers, *Black Society* (cap. 2); Kathleen Deagan e Darcie MacMahon, *Fort Mose: Colonial America's Black Fortress of Freedom*, Gainesville: University Press of Florida, 1995.

milícia dos pardos e pretos livres de Havana que haviam sido levados à Flórida para lutar contra os ingleses, ao lado dos espanhóis. Com a assinatura do Tratado de Paris, em 1763, a Espanha entregou a Flórida aos ingleses. As tropas espanholas aí sediadas – compostas por europeus, indígenas e africanos – reuniam um total de cerca de três mil homens. Todos tiveram que partir, muitos deles com destino a Cuba.

Sob as ordens do rei da Espanha, as milícias de homens pretos sediadas na Flórida foram enviadas a Havana e com ela chegaram não só cubanos, mas todos os homens sediados no Fuerte Negro (Fort Mose), junto a San Agustín, a já mencionada “cidade preta” da Flórida.⁴⁰ Entre os milicianos que retornaram a Cuba estavam homens da unidade do capitão Manuel Asención De Soto, entre eles o miliciano Juan Fermín de Quixas (cunhado de De Soto), o sargento Antonio Horrutiner, um mulato sapateiro e sete soldados.⁴¹

O retorno das tropas a Cuba

Havana não estava preparada para receber tantos imigrantes que foram, provisoriamente, alocados em residências privadas.⁴² Em 1764, o rico proprietário don Simón Rodríguez doou uma parte de suas terras aos chamados “súditos da Flórida”. O novo assentamento, localizado a cerca de 24 léguas da capital provincial de San Carlos de Matanzas, foi chamado San Agustín de la Nueva Florida e abrigou 84 famílias.⁴³

40 O bispo Morrell de Santa Cruz subsidiou a passagem da milícia do Forte Mose para Cuba, em 1764. AGI, Cuba 1076.

41 Como muitos outros militares pretos, Fermin de Quixas/Quijas teve uma longa carreira, de mais de meio século, indo de soldado a capitão de granadeiros, como consta no Libro de Servicios de los Oficiales y Sargentos del Batallón de Pardos Libres de la Habana (1805), *apud* Barcia, *Ilustres apellidos*.

42 Inicialmente nove famílias de pretos livres foram assentadas na pequena vila de pescadores de Regla, em frente a Havana, do outro lado da baía. Quinze famílias de indígenas da Flórida foram reassentadas na vila de Guanabacoa, uma reserva indígena desde 1554. ANC. Resumen de los Indios procedentes de la Florida, Guanabacoa, Protocolo de Cabildo, 1754-1764, fls. 90-94.

43 Landers, *Black Society*, cap. 3; AGI. Instruções para don Simon Rodriguez sobre o estabelecimento de famílias da Flórida em Matanzas, 1764, SD 2595; AGI. Los

Muita coisa mudara em Cuba enquanto Morrell de Santa Cruz estava na Flórida. Ao retornar, em 1763, o bispo teve mais razões para se preocupar com a prática do catolicismo na ilha.⁴⁴ Durante os anos de permanência em Cuba, os ingleses importaram muitos novos africanos e não havia entre eles a preocupação com a conversão dos recém-chegados. O bispo então iniciou uma revitalização do catolicismo negro. Sua primeira iniciativa foi restabelecer a confraria do Espírito Santo. A novidade foi sua ordem para que a direção da confraria ficasse a cargo das milícias de homens de cor de Havana. Seguindo essas instruções, o comandante Juan Bautista Lobainas e outros oficiais que tinham lutado ao lado dos espanhóis contra os ingleses assumiram a liderança da confraria, escrevendo seu novo estatuto, que foi lido em voz alta para os congregados. Lobainas e seus oficiais assinaram o documento, passando assim a dirigir formalmente a confraria restaurada.⁴⁵

Segundo as determinações do bispo, o novo estatuto seguia o anterior e sua elaboração foi supervisionada por um clérigo, de modo a garantir a conformidade do processo. Tudo indica que, dentro dos limites estabelecidos, os próprios membros da confraria escolheram seus dirigentes, selecionaram as devoções a serem incentivadas, assim como as taxas e dívidas a serem cobradas. Cada santo era objeto de devoção própria com seu culto, sua festa e seus devotos organizados em separado. Entre outras determinações, o estatuto previa que por ocasião das procissões, em particular

emigrados de Florida, Cuba 368; AGI. Relatório de Juan José Eligio de la Puente, Havana, 8 maio 1770, SD 2585. Sherry Johnson argumenta que embora o assentamento de Floridano tenha fracassado, ele serviu de modelo para outros assentamentos posteriores, mais bem-sucedidos. Sherry Johnson, “Casualties of Peace: Tracing the Historic Roots of the Florida-Cuba Diaspora, 1763–1800”, *Colonial Latin American Historical Review*, v. 10, n. 1 (2001), pp. 91-125, [↗](#).

44 Elena Schneider, *The Occupation of Havana: War, Trade, and Slavery in Eighteenth-Century Cuba*, Tese (Doutorado em História), Princeton: Princeton University, 2011.

45 Em reconhecimento por seus serviços durante o cerco, um conhecido clérigo pregou o “Sermão das bandeiras” na igreja do Espírito Santo e abençoou a bandeira da unidade preta que trazia a legenda “Vitoria ou morte”. A cerimônia foi repetida quando o domínio espanhol foi restaurado em 1763. Em 1769, o *Batallón de Morenos de la Habana* ajudou a estabelecer o controle espanhol sobre Nova Orleans, como consta no documento *Datos militares y civiles* (1765) do Arquivo Geral de índias, *apud* Barcia, *Los Ilustres apellidos*. Ver também: Deschamps Chapeaux, *Los batallones de pardos y morenos libres*, pp. 31-32; Keith Manuel, “‘To Serve Almighty God’”.

Pentecostes e Corpus Christi, os oficiais das milícias seriam responsáveis por carregar o estandarte da confraria e a Eucaristia até a catedral. Essa determinação devolvia a antiga importância pública da confraria do Espírito Santo na cidade de Havana. Em contrapartida, os dirigentes eleitos eram responsáveis pelo controle do procedimento dos membros da confraria, devendo expulsar os considerados revoltosos.⁴⁶

Enquanto o bispo Morrell de Santa Cruz e seus fiéis trabalhavam para reorganizar as confrarias, outros pretos e pardos – e talvez também alguns fiéis do bispo – aproveitaram o momento para organizar, de forma legal, os antigos cabildos de nação e suas respectivas devoções católicas informais.⁴⁷ Havia, desde sempre, por parte da Igreja, uma aceitação silenciosa dessas devoções que, embora extrapolando seu controle, eram vistas como oportunidade para a elevação dos valores morais e do bom comportamento dos membros dos cabildos.

A alternativa encontrada pelos milicianos para regulamentação dos cabildos foi torná-los parte da jurisdição da administração régia local, dando ao governador o controle sobre seu funcionamento. Embora de caráter religioso, optaram por ficar ao abrigo do Estado, não da Igreja. Atendidas as exigências usuais de qualquer agremiação, os oficiais da governadoria aprovavam o pleito apresentado pelos cabildos e concediam uma licença de funcionamento. Para driblar a controversa ideia de uma regularização dos já banidos “cabildos de nação”, as licenças mencionavam apenas “cabildos”, tentando, com isso, apagar a lembrança das antigas organizações. Os frequentes pronunciamentos do governo espanhol sugerem que os novos cabildos não eram muito diferentes dos antigos cabildos de

46 Quando uma parede da Igreja ruíu, os membros da confraria do Espírito Santo doaram fundos e ferramentas para sua reconstrução e ali instalaram um altar alto para o Espírito Santo que durante toda a obra foi guardado pelos oficiais da confraria. SSDA, “Cofradía del Espíritu Santo en la parroquia de este mismo nombre de esta Ciudad”, 1765, AAH, Cofradías, Leg. 5, Exp. 27, Num. 31. Para mais informações sobre o impacto da revolta de Saint-Domingue ver: Maria Dolores Gonzalez-Ripoll, *El rumor and Ada Ferrer, Freedom's Mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolutions*, New York: Cambridge University Press, 2014.

47 Childs, *The 1812 Aponte Rebellion*, pp. 103-119.

nação, criados pelo bispo Morrell de Santa Cruz, quando de sua primeira estada em Cuba. Os novos procedimentos administrativos produziram farta documentação secular hoje depositada nos arquivos cubanos (nacional e provinciais) e que vem sendo consultada por pesquisadores.⁴⁸

Apesar da inexistência de um vínculo formal entre os cabildos e a Igreja e de sua vinculação à administração colonial, alguns deles se abrigavam nas igrejas de Cuba. Foi o caso de três cabildos de nação carabali encontrados na Igreja de Buen Viaje (Boa Viagem). Talvez existissem outros; esses três são hoje conhecidos porque entraram com petição junto à administração espanhola para renovar as antigas licenças do século XVIII, concedidas aos então cabildos de nação. O primeiro chamado cabildo “carabali ungua” era devoto de San Agustín. Na petição, declaravam que o documento original havia sido destruído durante a passagem do furacão que devastou Havana em 1768. A petição manuscrita listava apenas seus oficiais, e não todos os membros. O segundo cabildo carabali era devoto de Nossa Senhora de Belém e também fez petição para substituir a antiga, de 1759. A nova petição, escrita em espanhol, dizia serem então um “Sirgundo Cabirido”, com 301 membros: 61 homens e 240 mulheres, entre livres e escravizados. Por volta de 1772, surgiu um terceiro cabildo, chamado “carabali es Asicuatro” (não foi possível uma tradução), que tinha listados três dirigentes e 22 membros.⁴⁹

48 Matt D. Childs, “Re-Creating African Ethnic Identities in Cuba” in Jorge Cañizares-Esguerra & et al, *Black Urban Atlantic* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016), pp. 85-100; Barcia, *Los Ilustres apellidos*; Rafael E. Lopez Valdes, *Pardos y morenos esclavos y libres en Cuba y sus instituciones en el Caribe hispano*, San Juan: Centro de Estudios Avanzados de Puerto Rico y el Caribe, 2007.

49 AGI, “Petição de Joseph Antonio Carmelita e Augustin Chamisoto para autorizar o cabildo Caravali Ungua de San Agustín”, 22 set. 1769, Cuba 1197, Expedientes Suelos, 1771-1777. Carmelita e Chamiso eram primeiro e segundo capataz do cabildo, respectivamente. Em 15 de outubro de 1768 relataram um furacão que destruiu sua casa coletiva e todos os seus documentos. Listaram Joseph Antonio Carmelita e Manuel de Sayas como primeiro e segundo capitão. Os oficiais eram Augustin Chamiso e Juan Joseph Castilla; os soldados eram Pablo Santa Cruz, Guillermo Villarte, Manuel Chamiso, Hilario Castilla, Antonio Calvo, Francisco Castilla, Francisco de tal e Joseph de la Cruz. María del Carmen Barcia também encontrou informações sobre esse cabildo no Archivo Nacional de Cuba. Sua citação lista apenas dois capatazes e chama o cabildo de Carbalí Oquella San Agustín. Fondo Escribanía de Ortega, Leg. 6, Exp. 1

Desde a proibição de 1681, a primeira de que se tem notícia, até o século XIX, todas as tentativas de impedir o funcionamento dos cabildos foram ignoradas, contornadas ou burladas. Nenhuma delas impediu que, apesar das críticas de parte da população e da perseguição das autoridades civis e religiosas, os cabildos de nação tivessem vida longa em Cuba. A mais famosa das suas exibições públicas em relatos históricos, bem como em representações artísticas, era a festa do Dia de Reis, celebrado por ocasião da Epifania, no dia seis de janeiro de cada ano.⁵⁰ Nesse dia, seguindo seus reis e rainhas eleitos em cortejos públicos, os cabildos desfilavam pelas ruas de Havana vestidos em elaborados trajes de rafia com penas de pavão e peles de animais. Dançavam e cantavam músicas africanas acompanhadas de tambores, reco-recos e chocalhos de cabaça, trombetas e contas. Andadores de pernas de pau, carregadores de lanternas, figuras mascaradas e acrobatas contribuíam para a alegria de todos que acorriam para ver a festa.⁵¹

-
- e Fondo Escribanía de Varios, Leg. 211, Exp. 3114. Barcia, *Los Ilustres apellidos*; AGI, “Expedientes Sultos, Memoriales sobre diferentes asuntos”, 1771-1777, Cuba 1197.
- 50 Paul H. D. Kaplan, “Italy 1490-1700” in David Bindman and Henry Louis Gates Jr. (Eds.), *The Image of the Black in Western Art: From the ‘Age of Discovery’ to the Age of Abolition* (Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2010), p. 111; Richard C. Trexler, *The Journey of the Magi: Meanings in History of a Christian Story*, Princeton: Princeton University Press, 1997, pp. 102-107, 140. Entre a população de cor, Melchior era identificado como africano “magi” (no Brasil mina-mahi). A.C. de C.M. Saunders, *A Social History of Black Slaves and Freedmen in Portugal, 1441–1555*, Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- 51 Fernando Ortiz, “Los cabildos Afrocubanos” in Fernando Ortiz, *Orbita* (ed. Julio Le Riverend) (Havana: Unión de Escritores y Artistas de Cuba, 1973), pp. 121-134. Os cabildos também realizavam festas em suas casas. Uma dessas festas domésticas foi registrada com riqueza de impressões pela viajante sueca Frederika Bremer. Frederika Bremer, *The Homes of the New World: Impressions of America*, New York: Harper & Brothers, 1853, v. 2, pp. 379-383.

Figura 1: Día de Reyes, 1855 (Federico Mialhe, litografia sobre papel). Famosa representação de um cabildo de nación saindo às ruas



Fonte: Cubarte – Portal de la Cultura Cubana, [\[link\]](#)

É nítida na imagem a diversidade de adornos, desde um tipo mascarado ao fundo até a mulher de vestido rosa e coroa na cabeça. As referências dos cabildos à África e a modalidades alternativas de estruturas de poder representadas por reis e rainhas que não os monarcas espanhóis ficaram mais ameaçadoras depois que os escravizados de Saint Domingue, colônia francesa do Caribe, se levantaram na sangrenta revolução de 1791. Desde o século XVIII, unidades das milícias pretas de Havana tinham sido lotadas em Cap Français (El Guarico) e enviadas para lutar durante a revolta, sofrendo terríveis perdas.⁵² O fato dos homens das

52 O Tratado da Basileia (1795) exigia que todos os súditos espanhóis, militares e civis, deixassem a ilha. Sherry Johnson, “The Bittersweet Homecoming of Havana’s “Six

milícias de pardos e pretos das possessões espanholas terem sido expostos ao movimento revolucionário de Saint Domingue, mesmo que a serviço da Espanha, aparentemente os teria “contaminado”. Ou, pelo menos, lançava sobre eles essa suspeita.

O alerta de possíveis rebeliões fez crescer o controle sobre as confrarias e particularmente sobre os cabildos, em sua maior parte dirigidos por antigos membros das milícias. Matt Childs descreve os repetidos esforços para controlar o funcionamento dos cabildos e os recorrentes ataques às suas casas. Finalmente, em 1792, um édito deu aos cabildos um ano para se realocarem fora dos muros da cidade. Numa atitude ainda mais radical foi determinado que os corpos dos membros falecidos, objeto de culto como ancestrais, deviam ser removidos e enterrados no cemitério público.⁵³ Essas duas novas medidas levaram à desorganização geral dos cabildos, afetando também as confrarias.

Em 1803, o capitão Marcos Morenos do Batallón de Morenos Leales tentou, pela segunda vez, restabelecer a irmandade do Espírito Santo, como fora feito no século XVIII. O capitão lutara no cerco britânico e por isso havia recebido a medalha da Real Efigie. Nem mesmo esse reconhecido heroísmo foi suficiente para seu pleito ser acatado. Foi impedido pelo bispo Juan José Díaz de Espada de reativar a confraria, sob o argumento de que não tinha a documentação original com a aprovação real para poder pedir a reativação. Morenos apelou para à Audiência de Puerto Príncipe, mas a corte ratificou a decisão do bispo, esclarecendo os reais motivos da proibição: a confraria tinha sido centro de reuniões onde a sedição e a agitação tinham sido concebidas. O procurador da Audiência associou esse perigo aos acontecimentos de Saint Domingue e disse ainda que as confrarias incentivavam a pompa e a vaidade entre seus membros, e possivelmente a desordem.⁵⁴

Skeletons”, Comunicação apresentada na Consortium for Revolutionary Era Studies, Tallahassee, Flórida, março de 2011.

53 Childs, “Re-Creating African Ethnic Identities in Cuba”.

54 SSDA, “Marcos Moreno, comandante do Batallón de Morenos en justificación de como es protector de la Cofradía del Espíritu Santo”, 1801. AAH, Cofradías, Leg. 5, Exp. 27, n. 3 *apud* Manuel, “To Serve Almighty God”.

Fica claro em todos os documentos da administração colonial consultados que os oficiais espanhóis viam tais agremiações como ameaças. Não se pode negar pelos menos alguns de seus membros pertenciam a cabildos e a grupos de revoltosos, em particular integrantes das milícias de pardos e pretos.⁵⁵

O caso de José Antonio Aponte e outros rebeldes de 1812

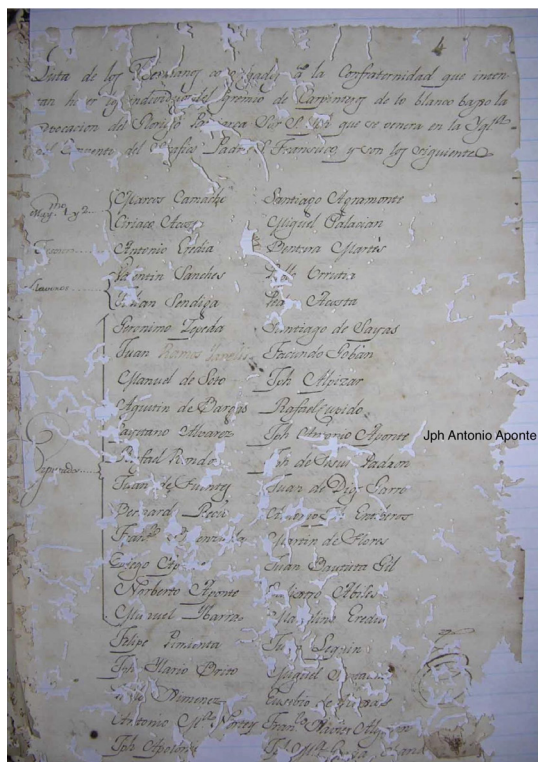
A chamada “Rebelião Aponte” tem sido alvo de intenso debate historiográfico. Todas as pesquisas indicam que nunca existiu uma rebelião unificada e difundida pelas várias partes da ilha, sob a liderança de José Antonio Aponte, ou qualquer outro líder. O argumento de Matt Childs (*The 1812 Aponte Rebellion*, 2006) é que ocorreram várias revoltas, sem uma coordenação entre elas ou mesmo entre as lideranças locais. Todas aconteceram ao longo do ano de 1812 quando as cortes de Cádiz adotaram a primeira constituição liberal espanhola, de curta vida. Não interessa aqui o debate sobre a rebelião propriamente dita, e sim a figura de Aponte e a complexidade de sua atuação no período das revoltas. O historiador cubano José Luciano Franco foi o primeiro a escrever sobre ele, descrevendo-o como miliciano, *capataz* de um cabildo lucumi e devoto de Xangô, divindade yoruba associada ao trovão.⁵⁶ Matt Childs questiona essa informação, argumentando que Franco não informa sua fonte.⁵⁷ Essa dúvida pode ser revista a partir da localização de novas fontes, em particular um documento eclesiástico disponibilizado pelo

55 Escrevi anteriormente sobre o segundo sargento Juan Nepomuceno Prieto, *capataz* do cabildo lucumi do bairro de Jesus, Maria e José de Havana, que serviu como padrinho de vários africanos livres lucumi liberados pelos ingleses. SSDA, “Baptismo de Jacobo, Iglesia de Santo Angel Custodio”, 21 set. 1828, Registro de Bautismos, 19 N, f. 164, (978); Landers, *Atlantic Creoles*, cap. 4.

56 *Capataz* é termo usado para designar a autoridade máxima na hierarquia dos cabildos de nação.

57 Franco, *La conspiración de Aponte*; Childs, *The 1812 Aponte Rebellion*. Também Stephan Palmié questiona a filiação de Aponte a um *cabildo* de africanos, destacando que Aponte copiou vários documentos régios de irmandades se auto identificando como “deputado da Virgem dos Remédio” Stephan Palmié, *Wizards and Scientists: Explorations in Afro-Cuban Modernity and Tradition*, Durham: Duke University Press, 2002, pp. 90-91.

SSDA que permite afirmar que Aponte era, sim, membro da já mencionada confraria católica de São José, criada por um “grêmio” de carpinteiros. A petição, datada de 1777, pede a aprovação do estatuto da chamada Cofraternidad de S. Joseph. Entre os membros que assinam a petição estava José Antonio de Aponte. Parte dos irmãos desta confraria, assim como Aponte, integrava a milícia de homens pretos de Havana.⁵⁸



Fonte: SSDA, Archivo del Arzobispado de Cuba. Gobierno, Cofradías, Legajo 4, Expediente 21.

Desde 1777, quando peticionaram ao governo a aprovação de seu estatuto, os devotos de São José se reuniam no convento de São Francisco. Essa petição, manuscrita, incluía um documento impresso com o título “Carta de Esclavitud al Glorioso San Joseph”, na qual consta sua submissão e devoção ao Glorioso São José carpinteiro. Nesse documento, eles se autodenominam “escravos do Glorioso Patrono do Patriarca São José, e de Jesus, e da sua santa Mãe”. O impresso tinha uma ilustração da Sagrada Família sendo abençoada por Deus flutuando em uma nuvem sobre suas cabeças.⁵⁹ A petição listava os nomes de Marcos Camacho e Ciriaco Acosta (primeiro e segundo *mayordomo*); Antonio Eredia (tesoureiro); Valentin Sanches e Julian Sendiga (guardas das chaves do tesouro); doze deputados (no Brasil chamados juízes); e 135 irmãos, entre eles José (Jph) Antonio Aponte.

Entre os rebeldes de 1812 identificados estavam Tomás Peñalver e Francisco Xavier Pacheco, ambos executados junto com Aponte, em 9 de abril daquele mesmo ano.⁶⁰ Outros confrades e integrantes da milícia escaparam, ou podem não ter aderido à conspiração. Um possível sobrevivente é Hipolito Peñalver, que serviu por 21 anos na milícia de homens pretos antes de se aposentar como sargento de segunda classe, em 1802. Em 1809, atuou como imperador do Hindustão na peça cristã encenada pelos integrantes da milícia de pretos livres de Havana.⁶¹ Outro confrade de Aponte foi o capitão Manuel Asención de Soto, também membro de uma confraria na província de Matanzas.⁶²

Mesmo depois das prisões, execuções e do abafamento das rebeliões de 1812, as perseguições contra pretos e pardos continuaram. O “mulato” José Manuel Blonde, barbeiro e membro da milícia, pertencia à comunidade

59 SSDA, “Petição dos irmãos de São José”; AAH, “Cofradías”, Leg. 4, Exp. 9 e Exp. 21.

60 Matt Childs identificou Peñalver como escravo e Pacheco como livre e letrado homem preto, membro da milícia dos pretos e artesão, nascido em Cuba, assim como Aponte. Um dos deputados dos Irmãos de São José, Julian Sendiga, pode ter tido ligações com o artesão preto livre Jose □ Sendiga, que foi sentenciado a quatro anos de prisão no julgamento de Aponte. Childs, *The 1812 Aponte Rebellion*, Appendix 1.

61 A lista completa dos personagens e seus papéis. AGI. Declaração do capitão Gabriel Dorotea Barba, em 04 dez. 1809, Cuba 357.

62 Landers, *Black Society*, cap. 3; e Jane Landers, “An Eighteenth-Century Community in Exile: The Floridanos of Cuba”, *New West Indian Guide* v. 70, n. 1-2 (1996), pp. 9-58, .

negra que circulava entre Havana e Matanzas. Em 1821, dom Pedro de Silva Caniego, padre de Matanzas, denunciou Blonde como frequentador de tabernas e por rumores de libertinagem geral. Durante o julgamento de Blonde, artesãos negros livres, incluindo dois carpinteiros nascidos em Havana (possivelmente irmãos da devoção de São José), deram depoimentos favoráveis a Blonde, defendendo seu caráter. Apesar das manifestações em favor do acusado, o promotor alegou que “de uma pequena faísca desta natureza, poderia acender-se um fogo elétrico que poderia resultar na dissolução total do pacto social, derrubando até mesmo o mais sólido edifício político”. Declarou ainda ser necessário que “a inexorável faca da lei caísse sobre tais delinquentes”. O tribunal condenou Blonde a seis anos de prisão. Depois de quase um ano preso, Blonde teve a pena reduzida e finalmente foi libertado.⁶³ A faísca que o promotor temia iniciou um novo incêndio. Ainda na primeira metade do século XIX, uma série de revoltas de escravos atingiram Matanzas, a maior delas em 1825.

Os conspiradores de Matanzas

Em meados do século XVI, favorecida pelo porto profundo de fácil atracação, Matanzas fornecia alimento, em particular gado bovino e suíno, para as frotas espanholas.⁶⁴ A história do lugar está marcada pela violência. A palavra *matanza* (matança, abate, chacina) relembra a tentativa de um grupo não identificado de espanhóis de se estabelecer na costa norte de Cuba em algum momento antes de 1513. Foram todos massacrados pelos indígenas que ali viviam. No século XIX, o nome ficou associado

63 Discuto esse caso com mais detalhe no cap. 5 de *Atlantic Creoles*. Blonde contestou que estava perdendo dinheiro com o pagamento do aluguel de suas lojas de barbeiro em Havana, assim como com o aluguel que pagava de uma outra. Houghton Library, Harvard University, Escoto Collection, Conspiracies, BMS Span 502 (700), folder 3.

64 Francisco J. Ponte y Domínguez, *Matanzas: biografía de una provincial*, La Habana: Academia de la Historia de Cuba, 1959; Miguel A. Bretos, *Matanzas. The Cuba Nobody Knows*, Gainesville: University Press of Florida, 2010, cap. 3.

à repressão de uma conspiração iniciada na propriedade de nome La Escalera.⁶⁵ Dessa vez, foram os espanhóis que revidaram o massacre.

O porto de Matanzas ficara conhecido quando, em 1628, o holandês Piet Heyn ali capturara uma frota espanhola de prata. Demorou quase meio século para que a Espanha iniciasse a ocupação da região, provendo fundos para a introdução de colonos das Canárias e para a construção de um forte de pedra, o Castelo de San Severino.⁶⁶ A capital de Matanzas, San Carlos y San Severino, foi criada em 1693, ano também da implantação da primeira paróquia à qual se vincularam os africanos livres e escravizados, e seus descendentes, ali residentes. Em 14 de outubro daquele ano, o bispo frei Diego Evelino de Compostela batizou José, escravo congo de don Santiago Arrate, e certamente muitos outros.⁶⁷

Em 1726, os pretos livres residentes em Matanzas estabeleceram a primeira confraria de pretos da cidade, devota de Santa Misericórdia; em 1736, surgiu uma segunda, devota da Virgem do Rosário.⁶⁸ Os documentos de fundação da Misericórdia estão em mau estado e são de difícil leitura, mas entre seus fundadores pode-se ler os sobrenomes Soto e Fermin, duas famílias conhecidas por terem entre seus membros integrantes das milícias.⁶⁹

65 Bartolomé de las Casa e Bernal Díaz del Castillo repetiram a narrativa de como os taínos (indígenas nativos de Cuba) afogaram os espanhóis no meio da baía. Em 1513, explorar a ilha a mando do governador Diego de Velasquez, Pánfilo de Narvaez executou grande número de indígenas. O episódio é descrito por Bartolomé de Las Casas (*Historia de las Indias*) e Bernal Diaz del Castillo (*Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*) apud Bretos, Matanzas, pp. 14-15.

66 AGI, “Expediente sobre la población y fortificación del Puerto de Matanzas, 1681-1696”, SD 457 apud Bretos, Matanzas, p. 271. Esse forte se assemelha ao forte de San Agustín (seu contemporâneo na Flórida espanhola) para onde foram mandados milicianos de negros de Cuba.

67 Bretos, Matanzas, pp. 31, 35.

68 SSDA, “Archivo del Arzobispado de la Havana. Cofradías. Memorial para reformar a Irmandade da Santíssima Virgem do Rosário. Igreja de San Carlos de Matanzas”, 26 mar. 1736.

69 SSDA, “Igreja de San Carlos de Matanzas”; AAH, “Cofradías”, Leg. 1. Entre os irmãos estavam o capitão Juan Luis Hurtado, Andres Fermin, Manuel de Soto, Bernardo de Torres, Joseph de Soto, Lorenzo Romero, Pablo [____], Melchor de Fuentes, [____] Garzia Vello, Joseph de la Cruz y [____], Joseph de Fuentes, Ygnacio Joseph de la Paz, Jacinto Fernandes, Juan Joseph Gonzales, Manuel [Fig____], Estevan de Torres, Marcus [____], Juan Mayeda, [____] de Berdesa e Francisco Olivera. Não restaram

Essas listas confirmam os remotos laços entre as confrarias e as milícias em Matanzas. Assim como em Havana, os milicianos de Matanzas eram figuras proeminentes nas confrarias. Em 1764, o padre da paróquia de Matanzas casou o recém-retornado capitão Manuel Asención de Soto e Augustina Gonzalez. O miliciano, que voltara da Flórida reconhecido por bravura, se casava com uma mulher branca da leva de imigrantes das Canárias chegados a Matanzas no século anterior.⁷⁰

A economia, a demografia e as relações raciais mudaram drasticamente em Cuba depois da revolta escrava que destruiu a economia açucareira da colônia francesa de Saint Domingue, em 1791. Os plantadores cubanos e americanos residentes em Matanzas passaram a investir pesadamente na cultura açucareira e na introdução de mão de obra africana escravizada, importada em larga escala.⁷¹ Enquanto nas áreas rurais a população africana crescia, na cidade de Matanzas a população se tornava menos africana e mais internacionalizada: começaram a chegar a Matanzas os pretos livres vindos de postos militares em Havana, Flórida espanhola e do Caribe. Alguns deles, como o capitão Manuel de Soto, eram também membros de confrarias.

Em meados do século XVIII, o cruzamento da fronteira racial ainda era possível. O capitão Manuel de Soto casou-se com Maria Augustina Gonzales, mulher “branca”, natural de Tacorente, Ilha das Canárias.⁷² Soto e outros membros das milícias de San Agustín e Matanzas tinham certo status decorrente de suas carreiras militares e de seu catolicismo.⁷³

outros documentos além deste relativo à fundação da confraria. Por qual razão se inseriu [____] em diversos trechos da nota?, deve-se inserir?

[____] – esse sinal indica que uma palavra na frase não pode ser transcrita por ser ilegível ou o papel estar danificado. É usual nas transcrições, pode ficar como está

70 SSDA, “Casamento do capitão Manuel de Soto e Maria Augustina Gonzales, dita “branca e natural de Tacorente, nas Ilhas Canárias, 08 abr. 1764”, Arquivo da Igreja de San Carlos de Matanzas *apud* Landers, “An Eighteenth-Century Community”.

71 Laird W. Bergad, *Fe Iglesias García and María del Carmen Barcia, The Cuban Slave Market, 1790-1880*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp. 23-37.

72 SSDA, San Carlos de Matanzas Church Archives. Casamento do capitão Manuel de Soto e Maria Augustina Gonzales, 08 abr. 1764.

73 Em 1788, o capitão de Soto teve seu escravo carabalí Juan de la Luz batizado na catedral de Matanzas, onde ele próprio havia se casado. SSDA, “Baptismo de Juan

Matanzas era então ainda relativamente mista racialmente, assim como tinha ainda uma economia relativamente diversa. Ao longo do tempo, os canais para a ascensão social foram se fechando.⁷⁴ Apesar dos serviços militares prestados na Flórida e em outras partes, os integrantes das milícias pretas de Matanzas nunca conseguiram o status e o enriquecimento dos milicianos de Havana, o que os tornou mais vulneráveis ao acirramento da repressão racial que veio no século XIX.

Na última década do século XVIII, um serviço semanal de correio passou a ligar Matanzas a Havana e, no final do século, a ligação passou a operar duas vezes por semana. As companhias de navegação que conectavam os portos ofereciam transporte barato às pessoas de cor que queriam se deslocar; e o jornal oficial do governo, o *La Aurora*, informava os moradores de Matanzas, brancos e pretos, sobre o que acontecia para além da ilha.⁷⁵ As mudanças no dia a dia da vida da população de Matanzas se deram lado a lado ao surgimento das novas ideias liberais que circulavam no Atlântico, defendendo a abolição do tráfico de africanos e pedindo o fim das monarquias europeias. Esse novo contexto aumentou a violência por parte dos plantadores de Cuba, tornando o controle sobre as pessoas escravizadas que trabalhavam nas plantações de cana-de-açúcar mais severo. Tal acirramento se estendia à população de cor livre, também afetada pelo crescimento da violência.

Embora os comerciantes de Havana suprissem o mercado de Matanzas, alguns plantadores locais estabeleceram seu próprio comércio. Os americanos Joaquim Madan e Zacarias Atkins importavam africanos diretamente da África.⁷⁶ Ricos e poderosos, eram ambos descendentes

de la Luz, 02 abr. 1788”, SCMCA, Libro de Bautismos de Indios, Pardos y Morenos.

74 Por volta de 1820, Havana era a maior cidade do Caribe e a Terceira maior das Américas com uma população de cerca de 100.000 pessoas. Franklin W. Knight, “The Caribbean in the Age of Enlightenment, 1783-1837”. Palestra proferida na Vanderbilt University; Allan J. Kuethe, “Havana in the Eighteenth Century” in Franklin W. Knight & Peggy K. Liss (Eds.), *Atlantic Port Cities: Economy, Culture, and Society in the Atlantic World, 1650–1850*, Knoxville: University of Tennessee Press, 1991, pp. 13-39.

75 Domínguez, *Matanzas: biografía de una provincial*, pp. 94-97, 104.

76 “Permissão para don Joaquín Madan enviar seu navio à África para comprar escravos”, jan. 1815-jul. 1816. British Library (BL), “Coleção dos Arquivos da

dos primeiros “americanos” que chegaram a Cuba na época da ocupação inglesa.⁷⁷ Nem o embargo britânico de 1807, nem o americano de 1808, ou a atuação da Comissão Mista para supressão do tráfico atlântico de africanos escravizados, diminuíram a atuação desse grupo. Os traficantes desembarcavam suas cargas ilegais nas pequenas enseadas da costa norte, próximo a Matanzas.⁷⁸ Por volta de 1827, homens negros, livres e escravizados, formavam dois terços da população da província de Matanzas. Essa tendência demográfica se acelerou a partir de 1841, quando o censo de Matanzas mostrou uma população de 27.148 brancos, 4.705 pretos e mulatos livres e 54.322 escravizados, boa parte deles africanos. A população de cor praticamente dobrou, superando a população registrada como branca.⁷⁹

Província de Matanzas, Cuba, Endangered Archives Programme, Endangered Archive Programme”, A.060. Disponível em: [📄](#). Acesso em 09 set. 2024. Laird W. Bergad, Fe Iglesias García & María del Carmen Barcia, *The Cuban Slave Market, 1790–1880*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp. 23-37; Kueth, “Havana in the Eighteenth Century”.

- 77 Foi o caso de Ricardo O’Farill e O’Daly, *assientista* (contratador com monopólio da importação de escravos) que comerciava para a companhia inglesa South Sea Company. O’Daly era também proprietário grandes plantações de cana-de-açúcar em Matanzas. Na sequência, para dar conta de seu comércio internacional, esses plantadores construíram um porto em Matanzas. Laird W. Bergad, *Cuban Rural Society in the Nineteenth Century: The Social and Economic History of Matanzas*, Princeton: Princeton University Press, 1990, caps. 1 e 2; Bretos, *Matanzas*, p. 57.
- 78 Robert Francis Jameson visitou Matanzas em 1818 e relatou sua renda anual em \$249,023, um aumento de quatro vezes ao longo de cinquenta anos. Robert Francis Jameson, *Letters from the Havana: During the Year 1820, Containing an Account of the Present State of the Island of Cuba (1821)*, London: Cambridge University Press, 2010, pp. 23-37. Sob coação, a Espanha assinou um tratado com a Grã Bretanha em 1817 que proibia o tráfico de escravizados africanos ao norte do Equador, mas mesmo quando a armada britânica começou a aprisionar as embarcações já fora da costa Africana, o tráfico em Cuba continuou com clara convivência das autoridades espanholas da ilha, que pertenciam à aristocracia açucareira. David Murray, *Odious Commerce: Britain, Spain and the Abolition of the Cuban Slave Trade*, Cambridge: Cambridge University Press, 1980. Para os desembarques ilegais em Matanzas entre 1842 e 1844, ver: Archivo Historico de la Nación, Madrid (AHN), “Estado, Legajos 8037-8039” *apud* Finch, *Rethinking Slave Rebellion in Cuba*.
- 79 Em 1827, Matanzas produzia cerca de um quanto da cana produzida em Cuba e a demanda por mão de obra era tão grande que plantadores de Matanzas como Joaquín Madan e Zacarías Atkins organizaram seu próprio comércio em linha direta entre a costa Africana e Matanzas, em acréscimo às importações dos comerciantes de Havana que também abasteciam Matanzas. Bergad, *Iglesias García*; Barcia, *Cuban Slave Market*, pp. 23-37; Bergad, *Cuban Rural Society*, cap. 1; Bretos, *Matanzas*, cap. 5.

A população de Matanzas era bastante diversificada: africanos de várias procedências, franceses, britânicos, caribenhos de várias nacionalidades, entre outros. A população livre de cor em Matanzas se distribuía em nichos ocupacionais semelhantes aos de Havana, de San Agustín, Vera Cruz e New Orleans. A população escravizada empregava os meios tradicionais de contratos de trabalho e quartação (compra parcelada da liberdade) para comprar sua liberdade. Uma vez livres, empreendiam pequenos negócios, plantavam e, por convicção ou para angariar vantagens, aderiam a instituições como milícias e confrarias.⁸⁰

A insurreição de 1825 em Matanzas começou na *plantation* de café chamada El Solitario, nas redondezas da capital. Um grupo inicial de dezenove rebeldes, incluindo um homem chamado Federico, El Brujo (suspeito de feitiçaria), chegou a 223 integrantes que queimaram e saquearam 24 propriedades rurais e mataram 16 homens brancos, suas mulheres e crianças. O pânico chegou à capital de Matanzas antes que as tropas pudessem esmagar os revoltosos. Nos dias seguintes, outra revolta foi reprimida. Em julgamentos sumários, as autoridades sentenciaram 23 escravos à morte. Todos foram executados por pelotões de fuzilamento na Plaza de la Vigia, junto à entrada da cidade. Suas cabeças e mãos foram colocadas em locais públicos “até que o tempo as consumisse”.⁸¹ Esse teatro de horrores foi só uma prévia do que viria a acontecer.

Em resposta à insurreição de 1825, o capitão-general de Cuba criou para Matanzas e Havana uma nova comissão militar executiva encarregada de reportar suspeitas de conspirações, mantendo sob ameaça a população, em particular os homens livres de cor. Como acontecia em

80 Bergad, *Cuban Rural Society*. p. 80-83.

81 Os militares e a comissão executiva de Matanzas culpavam os plantadores estrangeiros pelo tumulto por terem dado muita liberdade a seus escravos que podiam viajar pelas estradas, fazem reuniões noturnas nos fins de semana com tambores, danças e festas. Bárcia, *The Great African Slave Revolt*; Rodríguez, *Conspiraciones y revueltas*, pp. 83-87; Gloria García Rodríguez, *La esclavitud desde la esclavitud: la vision de los siervos*, Ciudad de Mexico: Centro de Investigación Científica Ing. Jorge L. Tamayo, 1996. pp. 178-183; Israel Moliner Castañeda, “Las sublevaciones de esclavos en Matanzas”, *Islas*, 85 (1986): pp. 24-48.

Havana, e com mais rigor, reuniões e atividades que antes passavam despercebidas passaram a ser controladas e tidas como suspeitas; muitos negros livres foram investigados.⁸²

Depois de 1839, ao chegarem a Cuba, pessoas de cor vindas de fora tinham que se apresentar às autoridades e demonstrar motivos para não serem deportadas. Alguns homens relatavam o tempo que tinham residido em território espanhol; outros, apresentavam provas de serviços prestados em diferentes postos espanhóis; alguns apresentavam documentos comprobatórios de boa conduta, testemunhas em sua defesa. Vizinhos comissários tinham que dar conta dessas pessoas e opinar se deveriam ou não receber permissão para ficar. Alguns tiveram seus argumentos acatados, outros tiveram a residência autorizada porque já estavam velhos, ou eram doentes. Muitos foram rapidamente reembarcados e despachados sem maiores burocracias. Entre os exilados em Vera Cruz (México), estava o preto livre Antonio Jacobo cujo pai, Jorge Jacobo, tinha sido auxiliar preto de Carlos IV em Saint Domingue e em San Agustín. A lealdade do pai não salvou o filho do exílio. Alejandro Pita Segui, cujo pai, Benjamin, servira na mesma unidade e posto, também foi deportado.⁸³

Oficiais das milícias de homens pretos foram forçados a monitorar suas próprias comunidades e a fazer cumprir as novas leis, cada vez mais repressivas. Em 1831, Tomás Vargas, primeiro sargento do Batalhão dos Pardos de Matanzas, informou sobre uma reunião suspeita de cerca de vinte a trinta homens e mulheres livres de cor numa casa na rua Contreras, onde se faziam brindes ao recém-falecido Simón Bolívar.⁸⁴ A simples menção ao libertador de Nova Granada justificou um inquérito. Vargas verificou que

82 Pessoas de fora eram vistas com grande suspeição. Embora dos negros exilados da Flórida para Cuba em 1827 pudessem ter mantido ligações com o exterior, parece ter havido uma certa dose de paranoia institucional. AGI, Cuba 358, Los emigrados de Florida.

83 ANC. Petición de Antonio Jacobo, 13.06.1844; petições de pretos estrangeiros, 1844; Asuntos Políticos (AP), Leg. 141/6 e Petición de Alejandro Pita Segui, 24.05.1844. Agradeço a Manuel Bárcia Paz por esta referência. Discuto esses casos em detalhe em *Atlantic Creoles*.

84 Discuto o caso de Sevilha em detalhe em *Atlantic Creoles* (cap. 5) com base na documentação do ANC, “Comisión Militar Ejecutiva y Permanente, de Matanzas”

a referida casa estava alugada em nome de Bernardo Sevilla, um carpinteiro mulato (quem sabe devoto de São José). Os envolvidos alegaram ser membros de um grupo subscrito para praticar algumas “encenações para o Natal”, que nada tinham de política. Alegavam ainda terem eleito a menina Cláudia, de doze anos, como rainha das festividades.⁸⁵ Cada contribuinte tinha pago cinco pesos para custear a produção teatral e as bebidas que seriam oferecidas ao final da apresentação. Para a celebração, os músicos de Matanzas estavam ensaiando dramas como “O Triunfo de Ana María”, “O Duque de Viséu” e “Otelo”!⁸⁶ De nada adiantou. A denúncia levou à prisão todos os capitães e tenentes da milícia dos pardos e pretos de Matanzas e outras pessoas de cor em Matanzas, Havana e Gibacoa.

O que mais preocupava as autoridades eram os impressos e manuscritos, recolhidos nas residências dos investigados. Matanzas era conhecida como a “Atenas de Cuba”, famosa por seus poetas e intelectuais, como Juan José Milanés e Domingo del Monte. Os registros da Comissão Militar mostram que a comunidade negra livre de Matanzas reunia um círculo literário e político similar ao de Havana. Na casa de Bernardo Sevilla os investigadores encontraram uma biblioteca. Entre as obras suspeitas estava o *Diccionario o nuevo vocabulario filosófico democrático*, item indispensável para entender a nova linguagem revolucionária. Outro militar preso foi José Jorge López. Entre seus livros estavam: *Meditaciones sobre las ruínas*, *El bosquejo de la revolución de Méjico*, *Gulillermo Tell o la Suiza Libre* e o *Catecismo o Canto constitucional para la educación de la juventude española*. As autoridades destruíram tudo que encontraram e sentenciaram Sevilla e López a seis meses de trabalhos forçados. López apelou da sentença por ser um tenente veterano do Leal Batalhão de Pardos de Havana, e por isso digno de pena menos degradante. Ganhou a apelação e passou seus seis

(CMM), Leg. 9, n. 24. Ver também: ANC, CMM, Leg. 9, n. 25 *apud* García, *Conspiraciones y revueltas*, pp. 93-94.

85 ANC, CMM, Leg. 9, n. 24.

86 Sobre as associações que organizavam subscrições, suas danças e bailes ver: Landers, *Black Society*, pp. 147-148; Kimberly S. Hanger, *Bounded Lives Bounded Places: Free Black Society in Colonial New Orleans, 1769-1803*, Durham: Duke University Press, 1997. pp. 132-133, 144 147.

meses no Castelo de San Severino. Mesmo livre das correntes usadas pelos presos de mais baixo escalão, submetidos a trabalho forçado, a sentença deve ter amargurado o leal miliciano.⁸⁷

Nos anos seguintes, na medida em que a população escrava crescia, também cresciam as revoltas. Talvez numa tentativa de recuperar o antigo prestígio, os católicos negros de Matanzas fizeram petição para reorganizar a confraria da Santíssima Virgem do Rosário. O padre Manuel Francisco Garcia escreveu ao capitão general Miguel Tacón apoiando o pleito. Em 1837, após a aprovação por cédula real, a confraria foi oficialmente alocada na Igreja de San Carlos. Entre seus dirigentes estavam Julian Sisa e Simon Madan (irmãos maiores), Florencio Corzo (tesoureiro) e José de los Reys Junco (secretário).⁸⁸ Madan era provavelmente um antigo escravo de don Joaquín Madan que pode, quem sabe, ter ajudado na aprovação do pleito.

Apesar dos esforços de controle, uma nova série de revoltas escravas atravessou a província de Matanzas em 1843. Pelo regime de terror que instaurou, o novo capitão general de Cuba, Leopoldo O'Donnell, ganhou a alcunha de “o monstro”. Encarregado de restaurar a ordem a qualquer custo, O'Donnell deu total liberdade aos comissários militares de Havana e Matanzas para agirem contra qualquer suspeito. Foi um banho de sangue. No mesmo ano, Antonio García Oña, governador de Matanzas, executou brutalmente os participantes das rebeliões de Bemba e Triunvitate.⁸⁹ Foi ele também o responsável pela repressão que ficou conhecida como La Escalera, quando os suspeitos de rebelião foram chicoteados até a morte. Escravos de cerca de 230 propriedades, entre plantações de cana e café, foram acusados

87 Garcia, *Conspiraciones y revueltas*, pp. 94-96.

88 SSDA, “Memorial para reforma da Hermandad de la Santíssima Virgen del Rosario, Iglesia de San Carlos de Matanzas, 26 mar. 1736”, AAH, “Cofradías”, Leg. 8, Exp. 1. Entre os oficiais listados: Pablo Gálvez, Leonicio Dequinson (Dickinson?), Mauricio Cuello, Joaquín Navia, Lucio Cartaya, Adrian Cenac, Florencio Corzo, Fermín Jiménez, Luis Erice, Antolin Gonzalez and José de los Reyes Junco. O estatuto data de 10 de setembro de 1836 e a cédula real estabelecendo a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Matanzas, de 1837; Martha Silvia Escalona, *Los cabildos de africanos y sus descendientes en Matanzas: siglo XIX y primera década del XX*, Matanzas: Ediciones Matanzas, 2008, pp. 60, 152.

89 Finch, *Rethinking Slave Rebellion*, pp. 189-194.

de conspiração e presos – muitos, se não a maior parte, eram homens pretos livres de Matanzas. T. M. Rodney, cônsul dos Estados Unidos em Matanzas, relatou: “parece que estão todos envolvidos, sem exceção, todos serão ou executados ou levados para fora da ilha, os escravos serão tratados com severidade, mas só os líderes mais importantes serão executados.”⁹⁰

Em complemento aos registros criminais, a complexa rede formada pela comunidade negra de Matanzas foi também traçada através dos registros de casamentos e enterros encontrados nos arquivos da catedral de San Carlos de Matanzas. O mais conhecido prisioneiro de La Escalera foi o renomado poeta mulato Gabriel de la Concepción Valdés. Em um de seus poemas ele escreveu linhas proféticas: “Y morir a las manos de un verdugo, / Si es necesario, por romper el yugo” (E morrer nas mãos de um verdugo, Se for necessário, para romper o jugo).⁹¹ Nascido em Havana, Gabriel foi abandonado por sua mãe espanhola na Casa Cuna e estudou no Colégio de Belém.⁹² Depois de diferentes atividades, como carpinteiro, tipógrafo e artesão, Gabriel Valdés encontrou sua vocação na poesia. Em 1826, mudou-se para Matanzas, onde desenvolveu uma rede de homens pretos livres, passando a frequentar os salões literários do liberal Domingo del Monte.⁹³ Casou-se com María Gil Morales, filha legítima de Doroteo e María del Pilar Poveda, na Igreja de São Carlos, em 27 de novembro de 1842. Os padrinhos eram brancos e de reconhecida

90 Paquette, *Sugar is Made with Blood*, p. 22; Jonathan Curry-Macadi, “How Cuba Burned with the ‘Ghosts of British Slavery: Race’, Abolition and the Escalera”, *Slavery & Abolition*, v. 25, n. 1 (2004), pp. 71-93, .

91 “Morrer nas mãos de um executor, se necessário, para quebrar o jogo da escravidão”. Plácido, *Gabriel de la Concepción Valdés. (Plácido) Poesías*, Matanzas: Imprensa de la Patria, 1847.

92 Paquette, *Sugar is Made with Blood*, pp. 2-26, 233-266; Landers, *Atlantic Creoles*, cap. 6. Sobre o impacto transnacional de Plácido ver: Ifeoma Kiddoe Nwankwo, *Black Cosmopolitanism: Racial Consciousness and Transnational Identity in the Nineteenth-Century Americas*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. pp. 29-47.

93 Franklin Knight, “Prologue: Plácido and Cuban History during the Nineteenth Century” in Enildo García (ed.) *Cuba: Plácido, Poeta mulato de la emancipación (1809-1844)* (New York: Senda Nueva, 1986), pp. 11-16; William Luis, *Literary Bondage*, Austin: University of Texas Press, 1990; Jackie Vernon Willey, *Writing and Rebellion in Plácido’s Poetry*, Masters of Arts thesis, Vanderbilt University, 2010.

distinção.⁹⁴ No círculo intelectual de Matanzas, Gabriel de la Concepción Valdés ficou conhecido como Plácido.

Entre os presos da La Escalera estava também o mulato dentista Andres Dodge que, como Plácido, crescera na Casa Cuna. Embora não tenham sido localizados registros sobre sua convivência na Casa, podem ter sido contemporâneos e mesmo amigos.⁹⁵ Dodge foi orientado por Charles Blakely, dentista de Charlestown que praticava em Havana e Matanzas. Segundo anunciava no jornal oficial, fora examinado e certificado pelo Real Protomedicato de Havana, a instituição régia encarregada de emitir credenciais médicas. Assim como Dodge, Blakely era “mulato” e comprou uma comissaria como primeiro sargento do batalhão de pardos livres de Havana. Tanto Dodge quanto Blakely foram treinados em Londres. Eram viajados, proprietários e tinham uma clientela branca.⁹⁶

Em 29 de julho de 1739 Andres Dodge casou-se com Gabriela Josefa Pimienta, filha mulata do clérigo Nicola Gonzalez de Chavez.⁹⁷ O casamento permitiu a Dodge entrar no grupo de famílias livres de cor que reunia homens ricos e com íntimas conexões com a Igreja. Santiago, irmão de Gabriela, era proprietário da fazenda La Paciencia, onde produzia com base no trabalho de pessoas escravizadas.⁹⁸ Desideria Pimienta, mãe de Gabriela e Santiago, oferecia jantares com a presença dos mais prestigiados homens livres pretos de Matanzas. Entre seus convidados estavam o violinista e líder de orquestra José Miguel Roman (casado com María Dominguera), e o músico Pedro de La Torre, membro da milícia (casado

94 SSDA, “Casamento de Gabriel de la Concepcion Valdes e Maria Gil Morales, 27 nov. 1842”, SCMCA, “Libro de Matrimonios de Pardos y Morenos”, fls. 106b, 355.

95 SSDA, “Casamento de Andres Dodge e Gabriela Josefa Pimienta”, 29 jul. 1739; SCMCA, “Libro de Matrimonios de Pardos y Morenos”.

96 Deschamps-Chapeaux, *El negro en la economia, habanera del siglo XIX*, La Habana: Unión de Escritores y Artistas de Cuba, 1991, pp. 157-165; Paquette, *Sugar is Made with Blood*, pp. 227-229.

97 No registro de casamento consta pai desconhecido. SSDA, “Casamento de Andres Dodge e Gabriela Josefa Pimienta”, 29 jul. 1739; SCMCA, “Libro de Matrimonios de Pardos y Morenos”.

98 Paquette, *Sugar is Made with Blood*.

com Petrona Luna), ambos mulatos.⁹⁹ Também o tenente José Jorge Belém López, mulato, oferecia jantares para a elite negra de Matanzas (o mesmo Lopez preso junto com Bernardo Sevilla em 1821). Apesar da breve prisão, aparentemente manteve seu prestígio e patentes militares. Em 4 de dezembro de 1826, casou-se com a mulata livre Maria Trinidad Plaza.¹⁰⁰ O sargento da milícia Manuel de Jesus Quiñones (casado com Maria de los Dolores Simeona, na mesma igreja em 1830,) também participou do jantar de Pimienta. Segundo Finch era “um dos mais importantes líderes rebeldes do grupo dos homens de cor livres de Matanzas”.¹⁰¹

Assim como os títulos militares, esses casamentos eram indicativos de respeitabilidade e distinção no seio da comunidade. Eram, todos, pessoas de grande visibilidade na comunidade negra de Matanzas e com fortes laços de família e amizade entre eles. Quando Polonia Gangá, concubina escrava do plantador Esteban Santa Cruz de Oviedo, o advertiu sobre uma conspiração de revoltosos em progresso, o grupo foi alvo imediato da perseguição da Comissão Militar de Matanzas.¹⁰² Foram todos rapidamente detidos, ficaram presos na capela do Hospital de Santa Isabel e foram condenados. Na prisão, foram autorizados a receber visitas de familiares e amigos; e usaram seu tempo de espera pela morte reproduzindo à mão cópias dos poemas de Plácido para que fossem levadas por seus visitantes e distribuídas. A distribuição do poema foi permitida, o que deixou o governador Antonio García Oña inconformado por alegar que essa liberdade desacreditava as sentenças proferidas.¹⁰³

99 Finch, *Rethinking Slave Rebellion*.

100 SSDA, “Casamento de José Jorge Belen Lopez e María Trinidad Plaza, 04 dez. 1826”; SCMCA, “Libro de Matrimonios de Pardos y Morenos”.

101 Finch, *Rethinking Slave Rebellion*, p. 161; SSDA, “Casamento de Manuel Quiñones e María Dolores Simeona, Libro de Matrimonios de Pardos y Morenos, 1833”, p. 75b (374), SCMCA; SSDA, “Entierros de Pardos y Morenos”, Libro 10, 1841-1847; SCMCA, “Sepultamentos, 28 jun. 1844 (1152–1162)”.

102 García, *Conspiraciones y revelutas*, pp. 94-96; Finch, *Rethinking Slave Rebellion*, p. 185; Manuel Barcia, “Exorcising the Storm: Revisiting the Origins of the Repression of La Escalera Conspiracy in Cuba, 1843-1844”, *Colonial Latin American Historical Review*, v. 15, n. 3 (2006), pp. 311-326, [↗](#).

103 Houghton Library, Harvard University, “Governor of Matanzas to the Military Commission, 09 jul. 1844, Escoto Collection, Conspiracies, Documents 1844–1845”,

Os condenados ocuparam também parte do seu tempo em confissões e em registrar suas últimas vontades. Alguns homens nomearam herdeiros, deixaram dinheiro para pagamento de missas por suas almas e donativos para a caridade; outros, deixaram esmolas para o pagamento dos condenados encarregados de seus sepultamentos. Santiago Pimienta deixou 200 pesos para a feitura de uma escultura de São João Batista para a Igreja de Pueblo Nuevo, nos arredores de Matanzas, onde residiam muitos homens livres de cor. Deixou também seis onças de ouro para ajudar na criação de uma escola para meninas pobres de Matanzas.¹⁰⁴

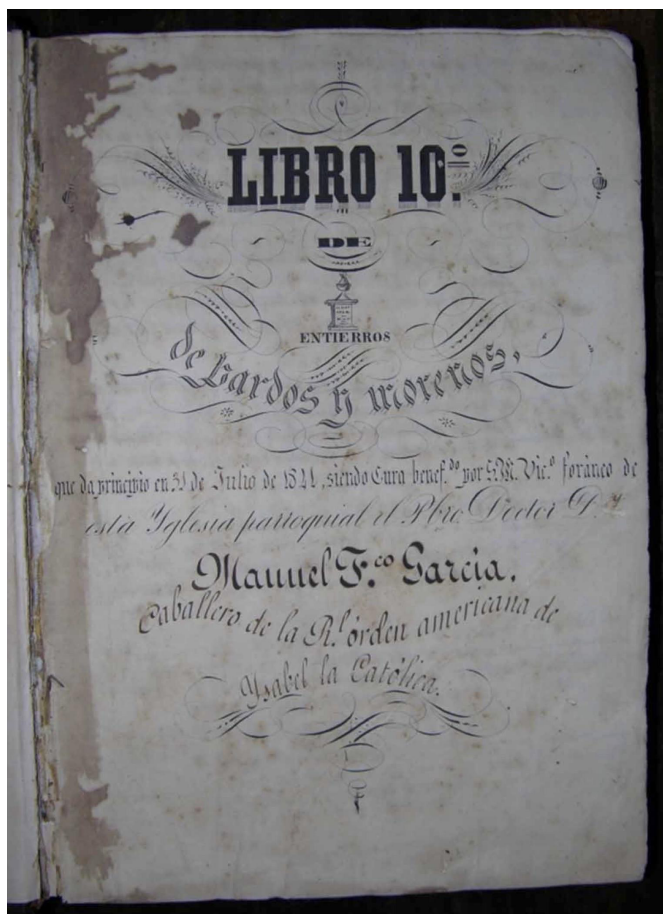
No dia da execução, os condenados percorreram as ruas de Matanzas até o bairro de Versailles. Lá, os oficiais militares amarraram suas mãos nas costas e os sentaram em bancos, onde foram mortos com um tiro nas costas de cada um. Foram enterrados no cemitério de Matanzas. Suas mortes ficaram registradas no livro de sepultamentos da catedral de San Carlos. Junto aos registros de sepultamento foram transcritos os testamentos redigidos pelos presos. Esse livro encontra-se ainda hoje no arquivo da Catedral de San Carlos de Matanzas.¹⁰⁵

MS Span 52 (716); William Luis, “Editor’s Note”, *Afro-Hispanic Review*, v. 31, n. 2 (2012), pp. 5-12.

104 SSDA. “Sepultamento de Santiago Pimienta, Livro de enterro de pardos e pretos, 1841–1847. SCMCA, (1153) 28 jun. 1844”, p.109.

105 Arquivo de la Catedral de San Carlos de Matanzas, Cuba, Livro 10º de Entierros de pardos y morenos, que da principio em 31 de Julio de 1844, siendo cura benef.do por [SSR] Vic.o [foranco] de esta Iglesia parroquial [...] [Pbro] [Dodei] D Manuel F.co Garcia Caballero de la R.l oden americana de Isabel la Católica.

Figura 3: Capa do livro onde consta o óbito dos condenados de 1844



Fonte: SSDA, Livro 10º de Entierros de pardos y morenos, 1841-1847.

O padre Manuel Francisco García que abre o livro é o mesmo religioso que ajudara a restabelecer a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e que casara muitos dos executados na repressão da La Escalera. Deixou registrado que, na ocasião, deu a seus ex-paroquianos “todo o consolo e ajuda espiritual possível”. O padre registrou ainda que alguns deles não receberam os últimos sacramentos, por chegarem mortos à prisão.

Essas mortes antecipadas estão em registros que informam que prisioneiros da prisão real morreram no Hospital da Caridade da cidade de Matanzas. Mesmo com muitos erros – não distingue os executados dos mortos no hospital por ferimentos – essa lista, preparada pelo comissário militar e enviada ao governador, tinha todos os nomes, seu local de residência, nome dos pais e esposas; no caso dos escravos, o nome dos senhores; no caso dos africanos, a nação (carabali, congo, gangá, mandinga, mina, lucumí e mozambique).¹⁰⁶

O ano de 1844 ficou conhecido como “o ano do chicote”. O capitão general Leopoldo O'Donnell executou, prendeu ou deportou a maioria dos homens da comunidade negra livre de Matanzas, assim como centenas de escravizados. Michelle Reid-Vasquez associou essa violência à subsequente dissolução da milícia de homens pretos. O episódio parece explicar também porque, em 1854, quando as milícias foram reconstituídas, houve tanta relutância por parte dos pretos livres em se engajarem novamente.¹⁰⁷

Se as milícias já não atraíam os homens livres de cor, as organizações religiosas católicas aparentemente ainda eram vistas com simpatia pelo que restou da comunidade negra de Matanzas e Havana. Com base em registros do Arquivo Nacional de Cuba, os historiadores Reid, Howard, Childs e outros rastrearam a reorganização de novos *cabildos de nación*, aprovados localmente e licenciados pelo rei da Espanha em Havana, após a repressão da La Escalera. Nas últimas décadas do século XIX, os novos cabildos passaram a se organizar como associações de ajuda mútua.¹⁰⁸

106 SSDA, “Entierros de Pardos y Morenos, SCMCA, Book 10, 1841-1847”. Para os sepultamentos de 28 de junho de 1844, Andres José Dodge, (1152), Santiago Pimienta (1153), Gabriel de la Concepción Valdés, *alias* Plácido (1154).

107 Reid-Vazquez, *The Year of the Lash*, cap. 5.

108 Reid-Vazquez, *The Year of the Lash*, cap. 5; Howard, *Changing History*; Matt D. Childs, “‘The Defects of Being a Black Creole’: The Degrees of African Ethnicity in the Cuban Cabildos de Nación” in Jane G. Landers & Barry M. Robinson (Eds.), *Slaves, Subjects and Subversives: Blacks in Colonial Latin America* (Albuquerque: University of New Mexico Press, 2006), pp. 209-245; Childs, “Retaining and Recreating African Ethnic Identities in Cuba: The Relocation of Havana’s Cabildos de Nación” in James Sidbury, Jorge Cañizares-Esguerra & Matt D. Childs (eds.), *The Urban Black Atlantic during the Era of the Slave Trade* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2013), pp. 85-100.

Essas novas organizações, sujeitas à aprovação do Estado, sofreram repetidas investidas por ocasião de revoltas escravas, pressões abolicionistas e ações em prol da independência, que ameaçavam o controle espanhol sobre Cuba. Enquanto os cabildos que dependiam de autorização estatal foram mais perseguidos, as confrarias aprovadas no interior da Igreja, se mostraram mais estáveis e protegidas.

Comentários finais

Apesar dos repetidos episódios de repressão e supressão dos registros, pelo menos uma parte da documentação que permite a reconstituição das famílias e das redes sociais da população de cor de Cuba no século XIX está hoje disponível no site do SSDA e, como demonstrou este artigo, é um material precioso para historiadores dispostos a rever a historiografia cubana e seus parâmetros de análise. Como dito no início, a compreensão da vida da população de cor em Cuba passa pelo entendimento de que suas diferentes formas de organização – famílias, confrarias, milícias e cabildos – deram origem a organizações autônomas, mas profundamente entrelaçadas. Foi essa densa rede social que terminou se constituindo como uma via de acesso a essas pessoas, transformando-as em alvos fáceis da perseguição por parte da administração colonial espanhola.

doi: 10.9771/aa.v0i72.71166

Entre os séculos XVII e XIX, a filiação de homens de cor a congregações religiosas e corporações militares propiciou sua ascensão social no seio da sociedade colonial cubana. Na virada do século XIX, a revolta escrava de São Domingos, o *boom* do açúcar em Cuba e o florescer das atividades abolicionistas levaram rapidamente à deterioração dessas posições. As chamadas conspirações de Aponte (1812) e La Escalera (1844) aprofundaram a desorganização dessas agremiações. Ironicamente, as bem registradas informações que tais agremiações mantinham sobre seus membros – tanto militares quanto católicas – permitiram que oficiais espanhóis/cubanos identificassem e perseguissem os revoltosos. Sem que sua prévia lealdade ou serviços prestados tenham sido considerados, na primeira metade do século XIX centenas de africanos e seus descendentes foram executados ou deportados, dando origem a uma diáspora atlântica a partir de Cuba.

Escavidão | Cuba | Rebeliões | Confrarias católicas de homens pretos | Milícias de pretos

Between the seventeenth and nineteenth centuries, free people of color joined overlapping Catholic brotherhoods and military corporations, thus advancing their interests and gaining status in colonial Cuban society. However, the slave revolt of Saint-Domingue, the Cuban sugar boom and the ensuing influx of thousands of “new” Africans, in combination with the rise of abolitionist activity, caused the position of these groups to deteriorate rapidly in the nineteenth century. The alleged conspiracies of Aponte (1812) and La Escalera (1844) became aggravating factors in sapping their historic vitality. Ironically, the well-recorded information these groups maintained about their members allowed Cuban officials to identify and persecute the rebels, and neither previous loyalty nor services could save them. The leaders were executed and hundreds more were deported, catalyzing an Atlantic diaspora with roots in Cuba.

Slavery | Cuba | Rebellions | Black Catholic brotherhoods | Black militias